

A mediação técnica em Heidegger e Latour

Tarcisio Cardoso*

Resumo

Este artigo pretende confrontar a concepção de mediação técnica em Martin Heidegger e em Bruno Latour, no intuito de contribuir para a discussão filosófica sobre as questões relativas à técnica, à tecnologia e sua relação com a esfera humana. Confrontar suas abordagens a respeito da questão da técnica pode auxiliar no debate tão emblemático para os dilemas contemporâneos ligados à cultura digital a respeito da relação homem-máquina (ou mesmo homem-algoritmo). Assim, pergunta-se, neste trabalho: que tipo de abordagem está presente na reflexão heideggeriana sobre a mediação técnica? E que tipo de abordagem permeia a reflexão de Latour sobre a mesma mediação técnica?

Palavras-chave: Heidegger. Latour. Técnica. Mediação. Mediação técnica.

Abstract

This article intends to confront the concept of technical mediation in Martin Heidegger and Bruno Latour, in order to contribute to the philosophical debate concerning the technical and technology issues and its relation to the human world. Confronting their approaches on technical issue could help in such an emblematic debate for contemporary dilemmas related to digital culture in respect to the man-machine relation (or even man-algorithm relation). So, this work asks: what kind of approach is present in Heidegger's thought on the technical mediation? And what kind of approach is in the reflection of Latour on the same technical mediation?

Keywords: Heidegger. Latour. Technique. Mediation. Technical mediation.

* É mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP (2010) com bolsa CNPq, doutorando em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) pela mesma instituição, na linha de pesquisa de Aprendizagem e Semiótica Cognitiva, com bolsa CAPES. Além da pesquisa acadêmica, é docente em cursos superiores na área de Comunicação e Filosofia (FAPCOM e FEBASP) desde 2010, com ênfase em semiótica, filosofia, comunicação, internet e convergência.

Introdução

Tendo em vista contribuir para a discussão filosófica sobre as questões relativas à técnica, à tecnologia e sua relação com a esfera humana, este artigo se propõe a resgatar o tema da técnica em dois autores cujos pensamentos nos parecem extremamente instigantes: Martin Heidegger e Bruno Latour. Confrontar as abordagens a respeito da questão da técnica nesses dois autores de contextos distintos pode auxiliar no debate tão emblemático para os dilemas contemporâneos ligados à cultura digital a respeito da relação homem-máquina (ou mesmo homem-algoritmo).

Sabe-se que Heidegger e Latour produzem suas discussões em universos bastante distintos. Referência na filosofia continental contemporânea e com raízes na filosofia fenomenológica de Edmund Husserl, Heidegger tende a assumir uma posição humanista, de modo que suas questões filosóficas se conectam com questões ontológicas mais próximas da esfera humana e dos dilemas do ser-aí do sujeito humano. Longe de serem puramente filosóficas, as reflexões de Bruno Latour se aproximam muito mais de uma espécie de antropologia da ciência e da técnica que atentam para a dimensão dos não humanos presentes nas práticas diárias da nossa cultura, de tal modo que uma análise dos puros conceitos latourianos poderia soar como uma injustiça para com o próprio projeto teórico-prático do autor. Entretanto, as ideias de dois autores tão distantes parecem convergir e divergir de um modo bastante complementar, que nos interessa investigar. Humanos e não humanos, filosofia e antropologia são alguns dos pares que teremos que enfrentar nesta empreitada. Ideias como instrumen-

to, armação, causação, mediação técnica, agenciamento e tradução serão retomadas para realizar tal confrontação teórica. Deste modo, pergunta-se, neste trabalho: que tipo de abordagem está presente na reflexão heideggeriana sobre a mediação técnica? E que tipo de abordagem permeia a reflexão de Latour sobre a mesma mediação técnica?

Heidegger e a técnica

Em *Ser e tempo* (2012), Heidegger retoma um problema emblemático para a filosofia: a questão do ser. Para o autor, apesar de ter sido negligenciado por grande parte da história, o problema do ser, surgido na Grécia antiga, não havia sido ainda bem resolvido. De seu ponto de vista, a questão sobre o ser, que não deve ser confundida com a questão sobre o ente, já tem um fundamento provisório (uma base instável de pressupostos que formam um ponto de partida), mas precisa ir além. Ajustando seu fundamento humano no ser que questiona (o “ser perguntante”), o ser-aí do homem no mundo, chamado *Dasein*, Heidegger busca relacionar a questão do “ser” com a ideia de “temporalidade”, tomando esta como o modo de ser do *Dasein*. É com essa atitude filosófica centrada no *ser humano que está aí* (*Dasein*) imerso no mundo, que Heidegger aborda o problema do instrumento técnico, da ferramenta e da mediação técnica.

O artigo *A questão da técnica* (1953) é também um trabalho emblemático para o pensamento heideggeriano e para a filosofia contemporânea de um modo geral. Ali, Heidegger vê na questão da técnica a possibilidade para compreender a questão sobre

o ser. A tese ali presente consiste em afirmar que a essência da técnica não é nada de “técnico” e consiste, isto sim, no “desabrigar”, no revelar pelas vias do objeto técnico algo propriamente ontológico, principalmente por conta da armação (sistema conceitual) utilizada para atribuir sentido ao mundo das coisas subsistentes. Esta armação é, na visão de Heidegger, uma forma implícita que deve ser apreendida no momento em que se busca um “desocultamento da técnica”. É a armação que interessa investigar para compreender a questão que a técnica pode nos revelar sobre o ser.

Antes, porém, convém lembrar os passos do argumento do filósofo em questão. Para começar sua investigação sobre a técnica, Heidegger busca os modos do “ocasionar” de toda técnica, relacionando-os com o produzir, o aparecer. É no ocasionar que se desloca o olhar para a presença daquilo que aparece. No produzir, isto é, na criação de um artefato técnico, algo se mostra, se “desoculta”, aparece, isto é, sai de seu abrigo para se tornar presente.

Os modos de ocasionar, as quatro causas, atuam, desse modo, no seio do produzir. Por meio dele surge, cada vez, em seu aparecer, tanto o que cresce na natureza quanto o que é feito pelo artesão e pela arte.

Mas como acontece o produzir, seja na natureza, na obra do artesão ou na arte? O que é produzir, por onde atua o quádruplo modo de ocasionar? O ocasionar interessa à presença do que a cada vez aparece no produzir. O produzir leva do ocultamento para o descobrimento. O trazer à frente somente se dá na medida em que algo oculto

chega ao *desocultamento*. Este surgir repousa e vibra naquilo que denominamos o *desabrigar*. (HEIDEGGER, 2007, p. 379-380).

A partir da ideia de produzir como ocasionar, *desabrigar*, revelar, isto é, *desocultar* o que estava oculto, Heidegger declara que a questão central do problema da técnica consiste justamente naquilo que esse “*desabrigar*” permite. A técnica seria, portanto, um meio, a partir do qual, em alguma medida, é possível tangenciar a verdade do ser. Interessa-nos de modo particular a dimensão epistêmica envolvida nessa questão, na medida que todo *techné* supõe um conhecimento de algo.

Naquele texto, Heidegger diferencia a técnica antiga (artesanal, natural) da técnica moderna, isto é, a técnica (mais maquinal, e em certa medida antinatural) surgida pós-Revolução Industrial. A diferença mais fundamental entre ambas se refere ao fato de que a técnica antiga se mostra em seu caráter de instrumentalidade (ex: é fácil conhecer o funcionamento de um martelo, pois ele próprio revela o cabo de madeira, a ponta de metal e o modo como se usa), enquanto que a técnica moderna (pós-industrial) não se mostra, mas se oculta, quanto ao seu funcionamento interno.

Na discussão sobre a técnica industrial, o autor insere ainda a ideia de “armação”, entendida como uma espécie de *eidós* que acompanha o “*desabrigar*” da técnica moderna, que, como vimos, é opaca, antinatural e não se mostra como um fazer típico da *techné* grega. Para o autor, a armação é uma atitude do homem que, no entanto, revela uma realidade enquanto subsistência, é um gesto que permite o mostrar-se do real pela

técnica moderna. Próximo ao sentido kantiano de ver nas coisas aquilo que nós mesmo lá colocamos, a armação é como um conhecimento geral, que está por trás do que se apresenta na técnica.

Armação significa a reunião daquele pôr que o homem põe, isto é, desafia para desocultar a realidade no modo do requerer enquanto subsistência. Armação significa o modo de desabrigar que impera na essência da técnica moderna e não é propriamente nada de técnico. (HEIDEGGER, 2007, p. 385).

A armação não é propriamente um “fazer humano”, mas um sistema de informações que possibilita a realização da técnica como meio, capaz de revelar, por trás dela, a essência dos seres (reais) para o observador humano. A técnica moderna tem sua essência na ideia de armação. Isto pode ser verificado na medida em que um sistema conceitual permite avanço na compreensão do humano sobre o mundo. É no desabrigar da realidade, na sua realização como subsistência, que a técnica, meio de contato desse desabrigar, cumpre sua função reveladora. Por exemplo, ao se olhar por um microscópio (instrumento técnico) um observador pode perceber uma realidade (células vivas) inacessível aos seus órgãos dos sentidos por si mesmos. Ao atuar sobre seus modelos explicativos (“armações”), a técnica é capaz de permitir um alargamento de sua compreensão (estado cognitivo prévio igualmente dotado de “armações”) sobre o mundo (realidade), de tal modo a proporcionar uma abertura para um conhecimento (um “desabrigar”), que, por sua vez, só foi possível *mediante a técnica*.

A armação não é nada de técnico, nada de tipo maquinal. É o modo segundo o qual a realidade se desabriga como subsistência. Novamente questionamos: este desabrigar acontece num além a todo fazer humano? Não. Mas também não acontece somente no homem e, decididamente, não *por* ele.

A armação é o que recolhe daquele pôr que põe o homem para desabrigar a realidade no modo do requerer enquanto subsistência. (HEIDEGGER, 2007, p. 387).

Assim, a essência da técnica moderna está no conduzir o homem para o desabrigar por onde o real torna-se subsistência (ibidem, p. 388), ou seja, a essência da técnica moderna está na armação, no alargamento de repertório e de conhecimento sobre o mundo. A descoberta do que “é” (do que é o mundo) passa pelo desabrigar, isto é, pela verdade daquilo que se descobre a partir da subsistência, sendo que a armação (o conhecer que está por trás) é o fim e o guia deste desabrigar.

Mas se pensamos a essência da técnica, então experimentaremos a armação como um destino do desabrigar. [...] se nos abirmos propriamente à essência da técnica, encontrar-nos-emos inesperadamente estabelecidos numa exigência libertadora. A essência da técnica repousa na armação. (HEIDEGGER, 2007, p. 389).

Se a técnica tem sua essência na armação, o desabrigar tem seu destino na nova armação (no conhecimento novo). Entretanto, devido ao progresso da técnica na

modernidade, devido à armação que governa o entendimento sobre a subsistência, o homem não mais encontra a si mesmo. Se a armação é o privilégio do desabrigar como “requerer” (isto é, se é o privilégio da descoberta), ela é o regresso do desabrigar como *poiesis* (como produzir). O saber, a armação imponente da tecnologia, é marcado pela imponência do real, pelo subsistente, pelo que se mostra, se comprova ou se demonstra (HEIDEGGER, 2007, p. 389).

Quando uma técnica é desenvolvida para uma descoberta na física, por exemplo, ela requer algo novo, ela requer uma revelação. Mas, por outro lado, ela sempre mantém algo oculto, velado, que não foi descoberto. A partir de um microscópio, é instaurado um “requerer” sobre o como é a realidade. Mas quando uso o microscópio para ver além do que me é possível ver naturalmente, eu simultaneamente vejo o novo e opero um instrumento. Tendo em vista um saber teórico prévio (armação), experimento aquilo que se mostra mediante a técnica (isto é, um desocultamento da realidade), ganho um aumento no saber (armação), tomo consciência de um novo limite e de algo novamente velado (aquilo que permanece oculto, que ainda não foi revelado, que o microscópio não teve precisão suficiente para revelar).

Mas, a palavra “armação” não designa agora nenhum objeto ou qualquer tipo de aparelho. Muito menos designa o conceito universal de tais subsistências. As máquinas e os aparelhos são tampouco casos e tipos de armação como é o homem no comando de computadores e o engenheiro no escritório da construção. Tudo isso, na verdade,

vale a seu modo como um elo subsistente, como uma subsistência, como algo que requer na armação, mas esta nunca é a essência da técnica no sentido de um gênero. A armação é um modo destinal [uma causa final] de desabrigar, a saber, o que desafia. (HEIDEGGER, 2007, p. 391).

“Assim, pois, a armação enquanto um destino do desabrigar é, na verdade, a essência da técnica” (ibidem). Desse modo, a técnica se essencializa nos contínuos movimentos da armação. A mensagem final da técnica é que ela deve servir para um movimento do homem rumo à verdade, nunca alcançável, mas sempre questionável, pois “o questionar é a devoção do pensamento” (ibidem, p. 396).

Façamos um breve comentário sobre o que foi visto até aqui, para que possamos ter claro como se constrói a reflexão de Heidegger sobre a mediação técnica. Podemos notar que o filósofo alemão ressalta uma função epistemológica e uma dialética da técnica como um mecanismo para o progresso do conhecimento humano (“armação”). Fundamentalmente, podemos resumir que a técnica, no argumento de Heidegger, é um elemento mediador entre uma condição do conhecimento humano e outra. Assim, a mediação técnica, sempre artificial, é o que permite ao humano um contato com uma realidade subsistente que ele por si só (sem o instrumento técnico) não experimentaria. Além disso, a técnica moderna é sempre “não natural” e afasta o homem da sua natureza criativa. Entretanto, na medida em que permite o contato do conhecimento disponível (armação) com o real que se apresenta (que se desvela, se

desabriga, e que requer), a técnica é entendida como o que move o humano, o que permite o movimento do seu saber. Assim, é pela mediação técnica que o pensamento humano se descobre como um fluxo para a verdade, por sua vez, sempre suscetível a novos questionamentos.

A seguir, serão apresentadas as ideias de Latour sobre a mediação técnica, na esperança de que esse retrato heideggeriano sirva de referência para dialogar com a ideia de mediação técnica bastante divergente, como a de Latour.

Latour e a mediação técnica

Em *On technical mediation – philosophy, sociology, genealogy* (1994), Latour aborda o tema da mediação técnica a partir de conjugação proposta entre homem e objeto técnico. O texto começa com o mito de Dédalo e o labirinto do Minotauro, para sugerir que “as linhas da filosofia são desprovidas de uso no tortuoso labirinto da maquinaria” (LATOURE, 1994, p. 30). Em uma crítica implícita aos rumos que as reflexões que a filosofia contemporânea (inclusive Heidegger) tem tomado, Latour expõe sua tese original sobre a técnica como mediação de duas vias, como será exposto a seguir.

Latour parte de uma recusa tanto de um privilégio da tecnologia sobre o humano (materialismo) quanto do humano sobre a tecnologia (humanismo). Apresenta, como alternativa para o problema da determinação no par dialógico homem-máquina, o conceito de *mediação técnica*, pautado na ideia bastante original de *tradução*, distintivo recorrente no pensamento de Latour segundo o qual do ponto de vista da “ação técnica” interessa mais um hibridismo re-

sultante da associação dos elementos participantes do que a observância de dicotomias (especialmente quando tende a ressaltar distinções entre as esferas do sujeito e do objeto). Opondo-se ao dualismo moderno, segundo o qual o mundo é composto por matéria e forma, Latour enfatiza a relevância de estudar os aspectos da conjugação matéria-forma ou ideia-coisa, de modo que o produto resultante dessa conjugação é claramente mais complexo do que a mera soma das partes.

O exemplo do instrumento técnico arma de fogo (LATOURE, 1994, p. 30-31) questiona a polaridade que tende a se formar em nossa cultura ocidental: de um lado o determinismo tecnológico e de outro o determinismo humanístico.¹ Para Law (1992), apesar de propor explicações contrárias, ambas as alternativas são determinísticas e reducionistas, e ambos os reducionismos (humanista e tecnológico) têm duas coisas em comum: ambos separam homem e técnica; e ambos hierarquizam esses polos colocando um deles em privilégio (LAW, 2003, p. 3). Para Latour, entretanto, todo sistema de mediação técnica deve considerar uma simetria capaz de condicionar uma tarefa específica (um programa de ação). Tendo isto em mente, não se deve separar de antemão os polos do homem e da técnica, pois além de tal separação ser artificial, pode prejudicar a compreensão do que o autor pretende conotar

¹ É doutor em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) pela PUC/SP com bolsa CAPES e mestre em Comunicação e Semiótica (2010) com bolsa CNPq. Além da pesquisa acadêmica, é docente em cursos superiores na área de Comunicação e Filosofia (FAPCOM e FEBASP) desde 2010, com atuação em disciplinas como semiótica, filosofia, teorias da comunicação, cibercultura, internet e convergência de mídias. <tscardoso@gmail.com>

com a expressão “tecnologia mediadora” (LATOUR, 1994, p. 31).

A ideia de mediação técnica que Latour defende pode ser entendida como um híbrido inextrincável entre homem e objeto técnico, que na visão do autor é autoevidente, uma vez que, no exemplo da arma de fogo, tanto homens quanto armas deixam de ser puros quando considerada a associação “homens com armas”. Desse modo, o híbrido resultante de uma associação (o homem-técnica como um elemento social indivisível) deve ser considerado um sistema complexo, cujas partes não podem ser separadas sem que haja perda de propriedades relevantes à consideração da questão da técnica. Neste sentido, Latour elabora o conceito de mediação técnica como uma solução para o dualismo que aparta humano e técnica em lados opostos.

Para a questão da mediação técnica, Latour apresenta um vocabulário bastante próprio, que inclui o conceito de tradução, a ideia de reversibilidade, a noção de caixa preta, a genealogia do programa de ação (tendo em vista os objetivos e funções de tal programa), a ideia de interesse (com alta relevância política) e demais aspectos que compõem toda relação entre humano e não humano. Para exemplificar tal vocabulário sobre a questão da técnica, podemos dizer que Latour enfatiza o aspecto da tradução como uma modificação mútua entre dois agentes envolvidos em uma mediação técnica, promovendo um deslocamento ou deslize nos seus programas de ação próprios e anteriores à associação (LATOUR, 1994, p. 32). Assim, a mediação técnica nada mais é do que a irreversibilidade de um sistema social elementar instaurada por uma associação de um ente humano com um instru-

mento técnico (industrial ou não). Tanto o homem com uma arma na mão não é mais o mesmo (já que ocorrem mudanças consideráveis em seu sistema psíquico), quanto a arma na mão de um homem também é outro ser (diferente, por exemplo da arma que está em uma loja, atrás do balcão). Mas como o híbrido “homem-arma” é um ator novo, a própria ideia de ator deve ser revista a partir dessa mediação técnica, responsável por agenciar programas de ação, a promover deslocamentos nos entes originais.

Percebemos, com o que foi dito acima, que a mediação técnica proposta por Latour reclama por uma noção de “ator híbrido” (ibidem, p. 33) ou mesmo actante, conceito que visa tornar indistinguíveis os papéis de agenciamento de humanos e não humanos. O actante latouriano (aquele que faz-fazer) se opõe à noção de ator social da sociologia, na medida em que por ação social Latour não entende apenas o ator humano, mas a mudança irreversível da e na associação, a combinação de “atores” humanos e não humanos (ibidem, p. 35). Assim, Latour propõe um compartilhamento de responsabilidades da ação entre os diversos elementos que constituem o ator híbrido, sendo a mediação técnica o mecanismo que gera a composição de um sistema complexo e uma irreversibilidade de um sistema social.

Contraste da mediação técnica em Latour e Heidegger

Vimos resumidamente as distintas propostas de M. Heidegger e B. Latour para a questão da técnica. Conforme explicamos mais acima, para Heidegger a discussão sobre a técnica se constrói a partir das relações entre o “ser-aí” e o “ser-assim” (dado pelo

contato da armação e a percepção de uma subsistência real) da experiência humana mediada pelo objeto técnico, isto é, se constrói na relação entre o atributo diretamente dado e uma passagem dos dados para a natureza por trás desses dados. A técnica é vista pelo filósofo como um elemento mediador de uma proposta epistemológica. Em Latour, entretanto, a técnica é tomada mais na sua dimensão propriamente ontológica e social, como um elemento que denuncia a mudança irreversível de uma agregação no sistema anteriormente constituído. Latour destaca a importância do híbrido, da mistura e dos desvios instaurados pela associação nova, e enfatiza a emergência de propriedades próprias a essa associação, mas que não pertencem a nenhuma das partes isoladamente.

Em Heidegger, cabe destacar que a técnica se classifica em: técnica antiga (na qual, o homem está em harmonia com a natureza) e técnica moderna (na qual o homem confronta-se com o antinatural das tecnologias opacas). Interessando-se pela última, o filósofo evoca o conceito de “armação” para entender o desabrigar da técnica moderna. Como foi visto, nesta seara Heidegger pretende tomar a técnica como um meio capaz de revelar um subsistente por trás dos experimentos mediados pela técnica. A técnica só permite um “desabrigar” da realidade porque está em conexão com a “armação”. Na modernidade, o “desabrigar” da armação está ligado à descoberta. É na compreensão capaz de ver o requerer e conectá-lo a outros, é no pensamento associativo e no consentimento que a essência aparece. Assim, a técnica é vista, então, como o meio para descobrir o real

subsistente. Nesse percurso, descobre-se também que o homem nunca é unicamente em si.

A ideia heideggeriana segundo a qual “algo como um homem, que unicamente é homem a partir de si, não existe” (HEIDEGGER, 2007, p. 393) parece se aproximar muito com a ideia latouriana de que “a subjetividade não é um atributo das almas humanas, mas da própria montagem” (LATOURE, 2012, p. 313). Para Latour, é muito claro que o homem nada mais é do que um organismo social, não isolado, um componente de um híbrido (humano-não humano), como uma rede de conexões mediadas por dispositivos técnicos. Essa vinculação homem-técnica é o que permite tornar um actante provisoriamente competente para realizar uma ação, como no caso de um estrangeiro sem documento tentando sobreviver na Europa. “Se duvidarmos da capacidade dessas humildes técnicas gráficas de gerar quase sujeitos, tentemos residir numa grande cidade europeia como ‘estrangeiros sem documentos’” (ibidem, p. 301). A partir dessa noção de subjetividade formada pela associação, fica fácil perceber que os “sujeitos humanos” não são tão livres assim. Possuem à sua disposição atores (actantes) virtualmente presentes, mas útil para determinadas situações.

No mundo de hoje, permeado pela tecnologia digital, a virtualidade de recursos é notável. Exemplo que soa trivial são os smartphones com conexão móvel à internet, tornando disponíveis informações que foram disponibilizadas em e-mails, pastas virtuais, arquivos de armazenamento em nuvem e toda uma série de recursos disponíveis à mão. Tais dispositivos digi-

tais acabam por fazer dos humanos (ou melhor, dos híbridos do tipo homem-máquina) seres capazes de superar sua própria condição humana natural, alterando as representações de mundo que possuem, passando a possuir conteúdos de “armação” até então próprios a não humanos. Quando usamos o *Google* para obter respostas rápidas a questões que até o momento da busca desconhecemos totalmente, deixamos a condição puramente humana e passamos a operar como sistemas cognitivos híbridos, cuja mediação técnica não deixa de se apresentar como emblemática para os sistemas cognitivos próprios do século XXI. Entretanto, este ponto parece expressar uma divergência entre Latour e Heidegger.

Em Latour, a competência mental e cognitiva humana é fortificada quando associada a um artefato técnico, e é isso o que marca o progresso do ser híbrido, composto por entidades humanas e não humanas, que pode, por exemplo, graças aos aparatos técnicos com os quais se conecta, calcular com um pouco mais de competência. Essa ideia latouriana propõe que as habilidades cognitivas estão espalhadas por todo o cenário formatado do social. As “camadas de criadores de competência” (ibidem, p. 305) não pertencem, assim, ao agente humano, mas representam uma habilidade disponível temporariamente aos actantes híbridos. A proposta da ontologia plana² de Latour é justamente conferir aos objetos puramente técnicos, às camadas de actantes não hu-

manos uma existência própria, não gerada nem pelo contexto nem pela subjetividade do homem, mas que ganham poder de agenciamento quando se vinculam ao homem num híbrido sociotécnico.

Em Heidegger, entretanto, não há uma simbiose homem-técnica, mas há uma forte correlação entre o ser do homem e a essência da técnica, em que a técnica não vale por si, mas vale pelo papel que desempenha em relação à ampliação do conhecimento do homem. Como vimos, a essência da técnica moderna está, para Heidegger, na sua capacidade de dirigir o homem para o desabrigar dos fenômenos ocultados, meio pelo qual o real torna-se subsistência. Neste sentido, a essência da técnica está na armação, na ampliação do conhecimento humano sobre o mundo. Se os sistemas digitais, como o *Google*, permitem ao homem uma série de respostas instantâneas à palma da mão, isto não quer dizer, insistiria Heidegger, que o homem teve qualquer progresso. O real não foi revelado na sua subsistência nessa interação com um sistema digital, na qual o dispositivo técnico parece ter operado meramente como fenômeno de linguagem, a transportar signos em uma interface. Talvez, essa operação técnica seja emblemática para a tese heideggeriana de que o homem, na condição de internauta ou usuário de sistemas digitais, se distancia da sua própria capacidade criativa.

Os dilemas da técnica não puderam ser esgotados por este trabalho, que se limita a revisar os conceitos de mediação técnica em dois autores de grande importância para o tema. Enfatizamos, contudo, as contribuições do pensamento heideggeriano sobre a técnica e o desocultamento por ela

2 Ontologia plana pode ser entendida, resumidamente, como uma proposta de achatamento funcional entre sujeitos e objetos, humanos e não humanos (para mais informações, ver: LATOUR, 2012, p. 295-296).

admitido, especialmente interessantes para refletir o papel da técnica na atividade epistêmica do humano. Já as contribuições de Latour se propõem a ampliar os problemas do instrumento técnico para o nível do sociotécnico, especialmente relevantes para se considerarem as ações híbridas agenciadas conjuntamente por humanos e não

humanos. Espera-se que a consideração dessas abordagens inspire novos trabalhos a continuar a proposta de revisar o campo semântico da técnica e sua relação com o humano em pensadores de peso, que possam fomentar a discussão sobre os objetos técnicos e suas consequências para o homem no mundo de hoje.

Referências bibliográficas

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. *Scientiæ studia*. v. 5, n. 3, p. 375-398, 2007.

_____. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2012.

LATOURE, Bruno. On technical mediation - philosophy, sociology, genealogy. *Fall*. v. 3, n. 2, 1994.

_____. *Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador : Edufba, 2012.

LAW, John. *Notes on the Theory of the Actor Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity*. [online paper] [prod.] Lancaster University. Lancaster: Centre for Science Studies LA1 4YN, 2003. Disponível em: <<http://www.lancaster.ac.uk/sociology/research/publications/papers/law-notes-on-ant.pdf>>.